

BOTÂNICA

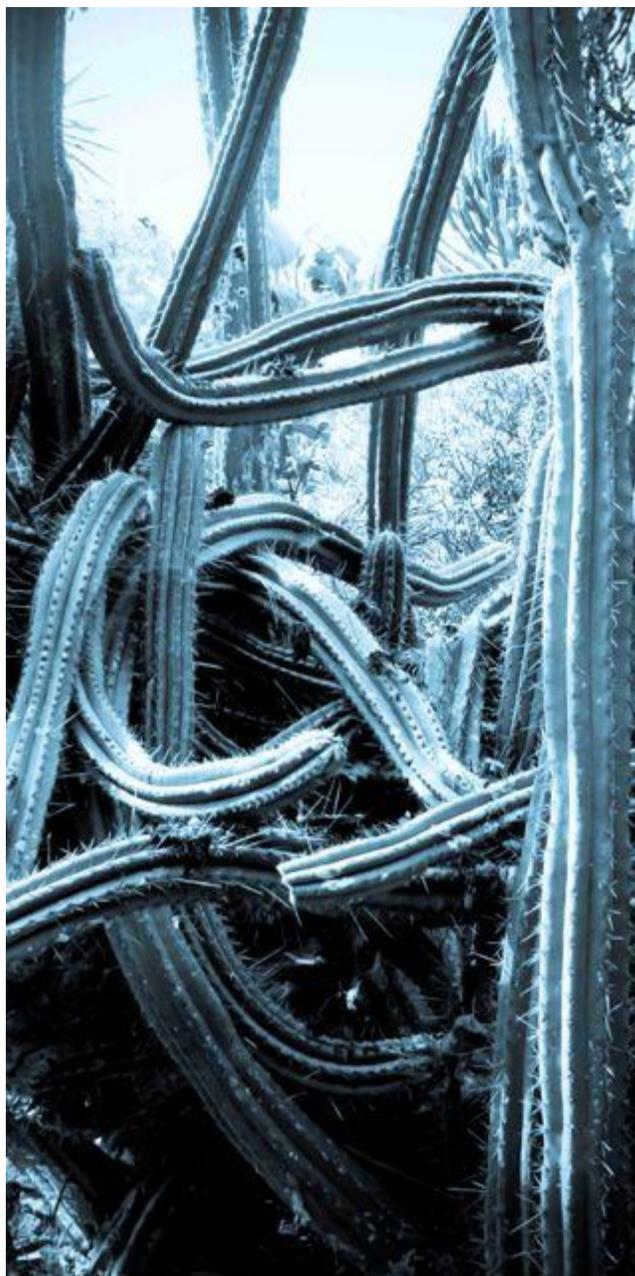
VASCO ARAÚJO

Exposição Temporária

13.03.2014 – 18.05.2014

DOSSIER DE IMPRENSA

MNAC



BOTÂNICA

Vasco Araújo

13.03.2014 – 18.05.2014

Une société est raciste ou ne l'est pas. Il n'existe pas de degrés du racisme

Frantz Fanon

Através de 12 objetos escultóricos, o artista aborda o tema da representação do “exótico” pela cultura colonial dos séculos XIX e XX. Uma Ditadura que sustentou um império colonial até 1975, um dos últimos no contexto do continente europeu a ser desmembrado, assim como uma descolonização abrupta e traumática explicam, em grande medida, o tardio desenvolvimento dum pensamento pós-colonial.

Vasco Araújo é um dos artistas que mais tem refletido sobre o “exótico”, indagando de forma crítica as suas formas de inserção e permanência no imaginário nacional. Nesta série, alude a várias questões que estão na origem da sua constituição e utilização como produtor de estereótipos e desagregações

**MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO**

Anabela Carvalho
Comunicação e Edição
anabelacarvalho@mnac.dgpc.pt
www.museuartecontemporanea.pt

culturais nas sociedades colonizadas. As imagens de arquivo que o artista selecionou são um mapa das muitas cambiantes que o processo colonizador teve em que, independentemente do lugar e da cultura, o que prevalece é a violência sobre o *Outro* e a sua redução a “primitivo”, num quadro de deturpada interpretação evolucionista da espécie. *Botânica* é uma série incómoda, desafiante da nossa habitual modorra perante um passado comprometedor. As imagens com que o artista nos confronta são, ainda hoje, polémicas, muitas foram resguardadas do olhar das gerações que se seguiram ao império e à guerra colonial, como forma de desresponsabilizar consciências e introduzir semânticas opacas de luso-tropicalismo e lusofonia.

No contexto desta exposição, decidimos ainda apresentar algumas obras de arte portuguesas que refletem, através de várias épocas, a visão estética do “exótico” e o formalismo das suas representações, em que a matéria do imaginário ocidental sobre o *Outro* sempre se estabeleceu numa esfera de superioridade evolucionista, entre um espírito de fascínio e repulsa.

Botânica também faz parte dum discurso de resiliência para com o comodismo artístico e a ignorância do passado mas, acima de tudo, afirma a possibilidade dum pensamento crítico sobre a nossa história colonial, a imigração, os bairros problemáticos, as políticas de integração, o multiculturalismo de fachada ou uma lusofonia economicista recheada de interesses económicos e estratégicos.

Curadora

Emília Tavares

BIOGRAFIA DO ARTISTA

<http://www.vascoaraujo.org/curri.html>

OUTRAS OBRAS APRESENTADAS

O Iluminismo fomentou o estudo científico do “exótico” e nele se alicerçam muitos dos estereótipos que serviriam de legitimidade aos impérios coloniais. O retrato de Ciríaco é um desses exemplos, pintado em três versões, a presente e outras duas existentes no Laboratório de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Paris e no Museu Etnográfico de Madrid. Durante algum tempo os estudiosos julgaram tratar-se da representação de uma jovem impúbere, e o retrato foi referência para o estudo do albinismo e da influência do clima na cor da pele. Segundo um estudo de Carlos Almaça (1996) só em 1932, J. Jesus teria identificado o retratado como um negro pigarço do sexo masculino, natural de Catingumba (Brasil), oferecido pelo governador da Baía ao filho primogénito de D. Maria I. Ciríaco chegou a Lisboa em Julho de 1786 e teria 12 anos quando foi retratado. Carlos Almaça afirma ainda que a autoria desta versão seria de Joaquim Leonardo da Rocha (filho), tratando-se de uma cópia a partir das duas versões pintadas do natural, de seu pai, existentes em Paris e Madrid. [E.T.]



Joaquim Leonardo da Rocha
Ciríaco
1787
Óleo sobre tela
175 x 125 cm
Inv. UL022234
Departamento de Zoologia e Antropologia
do Museu de História Natural



Eduardo Malta
“Timor” (painel esquerdo) / “Timor” do tríptico comemorativo da Exposição Colonial Portuguesa, 1934, Porto
óleo sobre tela
229 x 170 cm
Casa- Museu Bissaya Barreto, Coimbra

Em 1934, no advento do regime do Estado Novo foi realizada a Exposição Colonial, no Palácio de Cristal no Porto. A exposição vinha reforçar, interna e externamente, a ideia histórica de nação colonizadora, que desde a Conferência de Berlim (1884-85) e o Ultimatum inglês de 1890 tinha sido fortemente abalada, arredando Portugal de muitas das suas pretensões territoriais coloniais. Reproduzindo o modelo de tantas outras exposições internacionais do género, o evento foi também celebrado artisticamente, sendo Eduardo Malta um dos seus mais significativos protagonistas. As duas telas laterais aqui expostas faziam parte de um tríptico, cujo painel central ficou inacabado e desaparecido, laudatório da missão colonizadora portuguesa. O próprio pintor foi generoso nas suas apreciações sobre a “arte” de pintar as “raças exóticas” em várias obras e várias ocasiões. Talvez um dos comentários mais significativos seja este: “Que gentes estranhíssimas nossos avós descobriram! Tantos portugueses de raças exquisitas... E cada raça com a sua completa harmonia de formas e de côr. Mistério envolvendo tudo, olhos que não olham como os nossos, raças apartadas, sorrisos inverosímeis, graça tão distante do nosso geito de vêr e de sentir que só quási nas plantas, nos bichos, nos frutos e nas flores lhes encontramos semelhanças”. [E.T.]

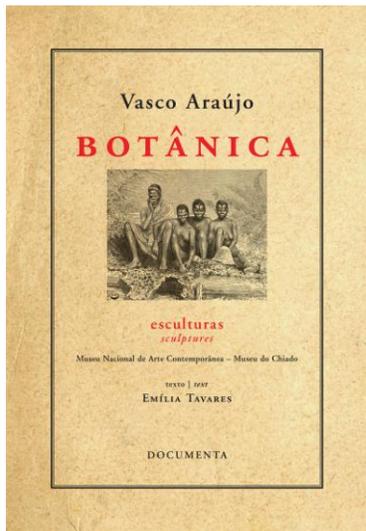


“Guiné” (painel direito)
do tríptico comemorativo da Exposição Colonial Portuguesa, 1934, Porto
óleo sobre tela
229 x 170 cm
Casa- Museu Bissaya Barreto, Coimbra

Apresentação à imprensa
12.03.2014 – 11h

Inauguração
12.03.2014 – 19h

LANÇAMENTO DO LIVRO QUE ACOMPANHA A EXPOSIÇÃO



Vasco Araújo Botânica

Arte/Escultura
Textos: Emília Tavares
Formato: 16 x 23,5 cm
PVP 15 €
pp: 112 (4 cores)
Editora Sistema Solar
Lançamento 12.03.2014

MESA REDONDA, 7 de maio pelas 19h

Participantes: Nélia Dias (Antropóloga e Professora no ISCTE); Isabel Carlos (Diretora do CAM - Fundação Gulbenkian) e Susana Martins (Historiadora de arte/ Instituto de História de Arte, FCS/ UNL)

Moderadora: Emília Tavares.

VISITAS GUIADAS, quintas-feiras às 18h30

20 março, por Vasco Araújo

10 abril, por Emília Tavares

15 maio, por Rui Afonso Santos



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

Mecenas Principais | Corporate Sponsors



Apoio | Support

fundação



ABSOLUT.

MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO